

**POR ENTRE FRONTEIRAS: O FENÔMENO DA IMIGRAÇÃO EM “ZHORA”
DE MAURO PINHEIRO****Francisco Pereira Smith Júnior (UFPA)
Savana Cristina Lima Cardoso(UFPA)**

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir e discutir acerca da temática das correntes migratórias, tais como as dificuldades, os desafios que muitos imigrantes brasileiros são obrigados a enfrentar ao longo do ingresso em outro país. Busca-se no artigo refletir sobre os dilemas de muitos imigrantes, além de discutir a respeito dos motivos que levam diversas pessoas a imigrar, pretende-se também abordar as fronteiras que esses imigrantes atravessam; fronteiras essas que não são somente geográficas, mas simbólicas. Por meio do conto “Zhora”, de Mauro Pinheiro, objetiva-se analisar a história da personagem do conto no intuito de levantar as questões sobre o ser imigrante. O conto analisado retrata a saga de um imigrante brasileiro que sai de sua terra natal para trabalhar na obra de um hotel na cidade de Basra como intérprete. Para este artigo, será utilizada a base teórica Sayad (1998) e Ianni, Hanciau (2005).

PALAVRAS-CHAVE: imigrante, Brasil, fronteira, trabalho

ABSTRACT: This article aims to reflect and discuss about the theme of migration flows, such as the difficulties, the challenges that many Brazilian immigrants are forced to face along the entry to another country. Search in the article reflect on the dilemmas of many immigrants, and to discuss about the reasons that lead many people to immigrate, you want to also address the borders that these immigrants cross; these borders are not only geographical, but symbolic. Through the story "Zhora" Mauro Pinheiro aims to analyze the history of the story of the character in order to raise questions about an immigrant. The tale analyzed depicts the saga of a Brazilian immigrant who left their homeland to work in the work of a hotel in the city of Basra as an interpreter. For this article we will use the theoretical basis Sayad (1998) and Ianni, Hanciau (2005)

KEYWORDS: immigrant, Brazil, border work

O fenômeno migratório tem sido uma atividade de difícil definição, uma vez que um dos grandes desafios para os pesquisadores da área é tentar entender essa lógica de movimento¹. A imigração é um fenômeno que faz referência ao deslocamento de

¹ Santiago retoma Paulo Emílio Salles Gomes para lembrar que nossa difícil construção se dá em uma dialética rarefeita entre o ser e o ser outro, entre o sermos explicados e destruídos, entre o ser constituído, mas não explicado: Como “explicar” a “nossa constituição”, como refletir sobre a nossa inteligência? Nenhum discurso disciplinar o poderá fazer sozinho. Pela História universal, somos explicados e destruídos, porque vivemos uma ficção desde que fizeram da história europeia a nossa estória. Pela Antropologia somos constituídos e não somos explicados, já que o que é superstição para a História, constitui a realidade concreta do nosso passado (HANCIAU, 2005, p. 17-18).

uma determinada pessoa ou de grupos de pessoas do seu lugar de origem para outro², o imigrante seria então o deslocado, o inclassificável, o indefinível que se situa num lugar ilegítimo, o que não pertence a um lugar fixo, e que está sempre em movimento. Sayad (1998, p. 16) comenta sobre o surgimento do imigrante³:

De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território: o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento.

Para Sayad (1998) o imigrante⁴ nasce quando atravessar as linhas de fronteiras⁵, e se sujeita a viver em uma nova pátria, em outro território. É parte desse atravessamento de fronteira que uma pessoa passa a ser nomeado de imigrante. Assim entende que “[...] a imigração é um fato social completo [...]”, e ainda acrescenta, “Por certo, a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico [...]” (SAYAD, 1998, p. 15).

É importante entender que as correntes migratórias não são somente um deslocamento⁶ no espaço físico, mas são também deslocamentos políticos, econômicos, culturais, simbólicos, em outras palavras, é um deslocamento em todas as dimensões nas quais o ser humano se institui enquanto ser social. Dimensões estas que esses imigrantes estão por sua vez sujeitos a enfrentar, ou melhor, de se adaptar, visto que a forma de organização de outro país é diferente do seu de origem.

Para Sayad (1930, p. 20), o fenômeno migratório ocorre por motivos de trabalho,

² O migrante do século XXI – partem para lugares próximos ou distantes, longínquos, vendem sua força de trabalho para comer, beber e vestir-se, abrigar-se, proteger a saúde, estudar, conquistar direitos políticos, civis e sociais, enquanto indivíduos e famílias, coletividade e povos (IANNI, 2004, p. 94).

³ O migrante se define pela viagem (retirante, indocumentado, legal, clandestino, esperado, expulso, radicado, errante, etc.)

⁴ Humberto Eco (2006, p. 107) acerca da imigração abona: “Temos imigração quando alguns indivíduos (mesmo muitos, mas em medida estatisticamente irrelevante em relação à cepa original) transferem-se de um país para o outro (como os italianos ou irlandeses na América, ou os turcos hoje na Alemanha)”.

⁵ Neste sentido, a fronteira constitui-se em encerramento de um espaço, limitação de algo, fixação de um conteúdo e de sentidos específicos, conceito que avança para os domínios da construção simbólica de pertencimento denominada identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária, definido pela diferença e alteridade na relação com o outro (HANCIAU, 2005, p. 133).

⁶ Sayad (1998, p. 56): “[...] porquanto esta consiste no deslocamento de populações por todas as formas de espaço socialmente qualificadas (o espaço econômico, espaço político no duplo sentido de espaço nacional e de espaço da nacionalidade e do espaço geopolítico, espaço cultural sobretudo em suas dimensões simbolicamente mais “importantes”, o espaço linguístico e o espaço religioso etc. [...]).

[...] da necessidade de emigrar e imigrar unicamente sob o império do trabalho e por motivo do trabalho exclusivamente; depois mantendo-se e se perpetuando (e, ao mesmo tempo, mantida e perpetuada) por meio de uma série de ficções dentre as quais, por exemplo, a ficção de viver quase toda a vida como um “estrangeiro” numa sociedade e numa economia, numa cultura e numa ordem política, trabalhando e, igualmente, reproduzindo-se inevitavelmente.

Em se tratando dos motivos que levam pessoas a imigrar, o trabalho seria um dos principais motivos que induz muitas pessoas a deixar sua pátria, sua família, seu lar para habitar, temporariamente ou permanentemente, em outro lugar que ofereça melhores oportunidades de trabalho e de vida, ou seja, o fenômeno da imigração é uma questão de necessidade da vida. E, dentre as outras causas de imigração, existem também os casos que acontecem por motivo de refúgio, em que pessoas partem em busca de um local onde possam ter uma vida melhor, com condições de vida favorável, sendo que esse caso é o de pessoas que moram em países que vivem constantemente em guerra. É importante observar que por mais que o processo migratório seja diverso, os motivos são praticamente semelhantes, pois grosso modo, a imigração se justifica pelo fato da busca de qualidade de vida adequada.

1. O fenômeno da imigração em “Zhora” de Mauro Pinheiro

A temática a respeito das correntes migratórias tem sido recorrente em textos literários na atualidade, em que as histórias são geralmente protagonizadas por pessoas desconhecidas, que abandonaram suas terras em busca de uma utopia. Autores como Milton Hatoum, Regina Rheda e Luiz Galdino fizeram da Literatura Brasileira um espaço ficcional com novas possibilidades de entender o texto literário, a ficção em busca de novos horizontes e fronteiras. É o que ocorre no conto⁷ “Zhora”⁸, do autor Mauro Pinheiro. O texto apresenta uma temática voltada para a imigração, a narrativa

⁷ O conto analisado é ficcional, em que os personagens são criados com base em pessoas reais, estereótipos ou arquétipos, que vivem histórias que poderiam acontecer com pessoas comuns. No caso do conto “Zhora”, a narrativa gira em torno de um migrante que sai de seu país para outro.

⁸ O conto “Zhora” pertence à coletânea do livro *Pátria estranha*, que apresenta uma coletânea de temas acerca das correntes migratórias, que por sua vez, tem fascinado e inspirado autores e leitores brasileiros nos últimos cem anos. Com o apelo homérico de epopeia moderna protagonizada por pessoas desconhecidas, que abandonaram suas terras em busca de uma utopia, esse vasto painel encontra o registro íntimo e a nota lírica em *Pátria estranha*, reunião de quatorze escritores contemporâneos brasileiros.

apresenta as peripécias de um personagem⁹ que sai de seu país e parte para um lugar distante do seu de origem em busca de trabalho. “Zhora” narra a história de um imigrante brasileiro que vai trabalhar como intérprete na obra de um hotel em Basra, Iraque, na “garganta do Golfo Pérsico”.

O conto é ambientado no momento em que o Iraque e Irã estão iniciando um conflito. A personagem se apaixona por uma mulher chamada Zhora¹⁰, daí o nome do título do conto. Mas, com a guerra, a personagem se vê obrigada a deixar Basra, e sua amante Zhora.

Logo no início do conto, é possível perceber o momento em que a personagem percebe-se distante do seu lugar de origem e passa a viver em uma nova pátria, que é Basra, no Iraque. O brasileiro então passa a viver na condição de um imigrante, estrangeiro, condição esta que é vivenciada por muitos imigrantes brasileiros.

O sol parou de massacrar a superfície do Shatt-Al-Arab com suas fechas luminosas e refugiou-se atrás das tamareiras, do outro lado do mundo. Minha bicicleta, enferrujada como o casco dos navios que singravam o rio à minha frente, estava caída ao meu lado. Olhando para aquelas águas barrentas vindas lá do norte, do Tigre e do Eufrades, me ocorreu que eu estava mesmo muito longe de casa. A liberdade me devorava como se eu fosse uma folha na tempestade (p. 38)¹¹.

Geograficamente, a personagem reconhece que está longe de sua terra natal e se compara a uma folha caída, ou melhor, se sente entregue ao destino imigrante, de percorrer vários lugares, mas não pertencer a nenhum lugar. No conto, a personagem faz um atravessamento de uma fronteira. Segundo Bhabha (1998, p. 19) “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, [...] é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”. É o que acontece com a personagem, uma vez que essa fronteira significa não somente o ponto final, mas também um ponto de um novo começo. É o atravessamento para uma pátria estranha, e esse atravessamento é marcado não somente geograficamente, mas também simbólico, onde a cultura, os costumes diferentes do seu de origem se cruzam.

⁹ Personagem principal do conto é o imigrante Brasileiro, o responsável por narrar tudo o que acontece, tentando passar para o leitor o que ele e os outros personagens estão sentindo e pensando.

¹⁰ A personagem secundária Zhora é uma iraquiana, é personagem que aparece poucas vezes, mas que desenvolve um papel importante na trama.

¹¹ A partir deste ponto, todas as referências a PINHEIRO (2002) serão identificadas apenas com o número da página da edição adotada nesta leitura.

E esse atravessamento de fronteira gera Entre-lugar¹², que é o lugar de encontro e enfrentamento, campo de lutas, e de recriação de novos espaços. Assim, entende-se por entre-lugar:

[...] o conceito de entre-lugar torna-se particularmente fecundo para reconfigurar os limites difusos entre centro e periferia, cópia e simulacro, autoria e processos de textualização, literatura e uma multiplicidade de vertentes culturais que circulam na contemporaneidade e ultrapassam fronteiras, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares. Marcado por múltiplas acepções, o entre-lugar é valorizado pelos realinhamentos globais e pelas turbulências ideológicas iniciadas nos anos oitenta do último século, quando a desmistificação dos imperialismos revela-se urgentemente. (HANCIAU, 2005 p.125)

O entre-lugar seria a reformulação dos limites, das linhas de fronteiras, define-se como o espaço entre o eu e outro no cruzamento de fronteiras, seria o espaço intermediário, esses “entre-lugares” fornecem o campo para a elaboração de estratégias de subjetivação que dão início a novos signos de identidade e a postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria ideia de sociedade” (HANCIAU, 2005, p. 138). Em outras palavras, o entre-lugar seria o espaço de cruzamentos de identidades entre o eu e outro.

Como todo lema de imigrante, a personagem do conto também tem o motivo que o leva a migrar para outro país: “[...] tinha apenas vinte anos. Havia dois meses que estava no Iraque, trabalhando como intérprete na obra de construção de um hotel [...] (p. 38). O trecho mostra o motivo que o levou a sair de seu lugar, que é para trabalhar como intérprete numa obra, ou seja, por motivos de trabalho. A história da personagem do conto “Zhora“ seria um retrato da realidade de muitos brasileiros que saem para outro território em busca de trabalho, e representa, nesse sentido, o dilema de muitos imigrantes brasileiros.

Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua

¹²São vários os conceitos acerca do Entre-lugar, Nubia Jacques Hanciau (2005 p. 127) menciona alguns deles: Entre - lugar (S. Santiago), lugar intercalar (E. Glissant), *tercer espacio* (A. Moreiras), espaço intersticial (H. K. Bhabha), *the thirdspace* (resvita Chora), *in-between* (Walter Mignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Z. Bernd), zona de contato (M. L. Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento). O que para Régine Robin representa o *hors-lieu*, são algumas, entre as muitas variantes para denominar, nesta virada de século, as “zonas” criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidades, pureza e autenticidade, que vêm testemunhar a heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas e deslocar a única referência, atribuída à cultura europeia.

negação ou que o empurra para o não – ser. E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho o “mercado de trabalho para imigrantes” lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído: trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. Com o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos. (SAYAD, 1998, p. 55).

Para Sayad (1998), o fenômeno migratório está sempre ligado a uma necessidade–ausência, que é o trabalho¹³, nesse sentido, é o trabalho que cria o imigrante¹⁴ e também o faz desaparecer. É por causa da carência dele que diversas pessoas deixam o espaço físico no qual estão constituídas enquanto ser e de pertencer ao lugar de origem. Necessidade que se transforma em um sonho a ser encontrado em outra cidade, em outro país, numa pátria estranha, num espaço intermediário, que logo passará a ser seu.

Para muitos imigrantes, a partida para outro país gera saudades, lembranças do lugar de origem. No conto, a personagem descreve um cenário que faz lembrar o espaço do cotidiano comparado ao Brasil: “[...] os trinta e poucos operários brasileiros estavam morando no canteiro da obra. Era grande o quintal da rapaziada. Havia campo de futebol, roupas perduradas nos varais e duas cadelas prenhes [...]” (p. 39). Os elementos descritos no trecho, tais como o campo de futebol, roupas nos varais e as cadelas mostram a ideia de uma forma de se sentir em casa, “com o passar das semanas, havia cachorro por todo lado. A paz entre os seres parecia apta a se instalar entre nós, apesar de o verão aproximar-se ameaçador” (p. 39), uma vez que o ambiente em que a personagem se encontrava é conflituoso, lugar onde dificilmente se encontra paz. Ou seja, há uma necessidade de transformar esse campo de guerra em um espaço do cotidiano comum, o que seria uma forma de esquecer que estão num lugar que a qualquer momento pode explodir. Para Ianni (2004, p. 94), os imigrantes:

¹³ Para Sayad (1998, p. 55), o imigrante só existe pelo trabalho, e se o nascimento do imigrante se dá por meio do trabalho, logo seu desaparecimento também é ocasionado por ele.

¹⁴ Qual será então essa definição? Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasmo, mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento (SAYAD, 1998 p. 54- 55).

Movem-se em todas as direções, atravessando territórios e fronteiras, nações e continentes, culturas e tradições. São migrantes, emigrantes, imigrantes, retirantes, errantes. Parecem tangidos por algo imponderável e invisível, escondido nas condições de vida e trabalho, no meio das guerras e revoluções, nos desastres ecológicos e nas epidemias, mesclando carências e esperanças.

É necessário pensar nas dificuldades que os imigrantes estão sujeitos a enfrentar nos novos territórios, pois são diversas as situações que eles podem encontrar nos territórios que cruzam, podendo se deparar com ambientes tranquilos ou conturbados, como no caso do brasileiro no conto, quando foi para um território perigoso, mesmo sabendo dos riscos de vida que poderia ocorrer com ele.

Dentre as outras dificuldades, tem-se a questão da adaptação à nova pátria: “[...] havia também Mr. Hadi, um senhor iraquiano que trabalhava como despachante na obra. Conversando, era através dele que eu tentava entender um pouco aquela cultura insólita com a qual tinha de conviver diariamente [...]” (p. 43). Além das dificuldades que muitos imigrantes encontram, como se adaptar ao novo espaço, há também a necessidade de tentar compreender a cultura do outro, tais como suas tradições e língua, para assim ter acesso ao território, ao espaço do outro, ou melhor, para ser aceito, mesmo que provisório. No trecho citado, é possível perceber o dilema do imigrante, que é entender o outro, e isso só é possível por meio da convivência.

Pelo fato de se encontrar em um contexto de guerra, há uma determinada passagem no conto em que se pode intuir que a guerra gera o medo no imigrante brasileiro, provocando nele a aflição de saber que a qualquer momento pode sair do país:

No final da tarde, um oficial do governo chegou com suas escoltas e entregou um documento determinando que todos os brasileiros deixassem a cidade em quarenta e oito horas. Era o primeiro país estrangeiro que eu visitava e já era uma *persona non grata* (p. 40).

O termo “*persona non grata*” é uma expressão latina cuja definição literal é “pessoa não agradável”, “não querida” ou “não bem-vinda”. Nesse sentido, em relação à personagem do conto, o termo sugere a condição do ser imigrante em um determinado território ao qual não pertence e que pode sair a qualquer momento. O imigrante é aquele que não é bem-vindo; que não é aceito e recebe muitas restrições em determinadas situações, como na situação em que ele recebeu um documento determinando sua saída de Basra.

Mas, surge o imprevisto no conto, a saída é adiada devido à lotação no avião e o imigrante brasileiro é obrigado a passar mais uns dias em Basra, onde:

[...] Foram sem dúvida os piores momentos. Não restava lugar no avião para todo mundo e tivemos de alugar dois ônibus para levar o pessoal para Bagdá. Enquanto isso, os engenheiros ingleses conseguiram que as autoridades locais permitissem a permanência de pelo menos um mestre em cada especialidade. Carpinteiro, soldador, pedreiro, armador, enfim, uns dez homens, contando com o cozinheiro cearense e seu ajudante paraibano. E eu. [...] (p. 40).

O acontecido fez com que intérprete brasileiro ficasse mais alguns dias em Basra, e essa situação fez com que ele ficasse mais aflito: “[...] a lentidão das horas diluía-se em largos dias, dando-me tempo para pensar na distância. E em mim mesmo. [...]’ (p.40). O fato de saber que ele teria que ficar mais uns dias naquela cidade que corria o risco de explodir a qualquer momento casou-lhe uma angústia, fazendo com que pensasse na sua casa, no quão distante ele estava de sua terra natal, do lugar ao qual realmente pertence.

O prolongamento de dias em Basra fez com que a solidão aumentasse, e as necessidades do imigrante começaram a aflorar: “[...] O que eu mais precisava naquele momento era de uma mulher [...]” (p. 40). Surge, então, a figura de uma mulher chamada Zhora:

[...] Zhora era uma iraquiana que falava um inglês rústico e usava seu manto negro somente na rua. Ela tinha sido casada, mas fora abandonada pelo marido quando nasceu a segunda filha. Era uma espécie de pária tolerada pela comunidade. Daquele ventre não saíram soldados. Para sobreviver cuidava da limpeza dos alojamentos. Minha casa era sempre a última. Ela costumava se atardar por lá antes de ir-se. Certa vez, cheguei mais cedo e a surpreendi costurando na sala. Como se fosse uma esposa esperando seu marido voltar do trabalho [...] (p. 41).

Estar naquele ambiente cheio de conflitos fez com o imigrante brasileiro, de certa forma, desejasse ter uma família, uma mulher que cuidasse dele, um porto seguro onde ele pudesse repousar nos momentos de solidão. Desde então, o imigrante passou a pensar em Zhora constantemente, seriam os primeiros indícios de uma paixão: “[...] um dia, voltei mais cedo para casa. Desde a manhãzinha, eu não parava de pensar em Zhora. A porta da minha casa estava aberta. A poucos metros dali avistei Zhora [...]” (p. 43). O imigrante começou a ver a mulher mais vezes, até ter um contato mais próximo

com ela: “[...] antes que se afastasse, enlacei seu corpo contra o meu e ficamos assim por alguns instantes. Seus olhos fecharam-se e eu toquei seus lábios com os meus. Pude sentir seu coração acelerado contra o peito [...]” (p. 44). Após esse contato, Zhora passou a frequentar mais vezes a casa do estrangeiro.

Mas, o romance entre eles durou pouco, pois estava chegando o momento do brasileiro partir de Basra. Uma vez que a guerra se aproximava, estava cada dia mais próximo da cidade de Basra: “Quando o sol renasceu, Zhora havia desaparecido. Eu estava nu sobre a cama. Bateram com força na porta e em seguida surgia o inglês gritando para eu me apressar se quisesse pegar o último avião” (p. 46). E depois de uma noite que o imigrante dormiu com Zhora, ao acordar ela não estava mais lá, havia saído antes de ele acordar. E desde então não viu mais Zhora. Após um ano, ele soube que Basra havia sido destruída, não restava nada do que ele havia deixado; nem Zhora; nem a construção na qual ele trabalhava; tudo havia sumido com os bombardeios.

2. Considerações

A análise do conto faz o leitor refletir a respeito das variadas situações que muitos imigrantes se veem sujeitos a enfrentar nas sociedades de imigração no mundo; sejam elas sociais, políticas, econômicas ou culturais.

A saga do imigrante brasileiro no conto “Zhora” é mais uma narrativa que conta a história de muitos brasileiros que saem do seu país para outro em busca de melhores oportunidades de emprego. Por meio do conto, é possível refletir as contradições que muitos imigrantes brasileiros passam, como o fato de poder voltar para casa, mas ficar sem seu trabalho, como no caso do imigrante brasileiro da narrativa, que é tomado pelo sentimento de angústia pelo fato de ser obrigado a sair e ficar sem trabalhar, e ainda ficar sem sua amante Zhora. Muitos imigrantes, quando ingressam em outro país, acabam ficando por lá, e uma das formas de ser firme no outro espaço é criando raízes, em outras palavras, constituindo uma família. Mas, há aqueles que saem com o desejo de retornar para seu lugar: “São muitos os que se perdem na viagem, ficam pelo caminho, regressam e retornam.” (IANNI, 2004, p. 93), a maioria dos que partem, desejam voltar. Dessa forma, o conto nos conduz a refletir também sobre a situação de imigrantes que são marcados pelo sofrimento em relação ao país de origem que deixam, e pela ansiedade em relação à nova pátria.

Ser imigrante é, portanto, estar disposto a se abrir para a heterogeneidade de um mundo de outros, o qual será também, mesmo que provisório, seu mundo. São aqueles que estão dispostos a abrir mão dos direitos de cidadania, uma vez que o ser imigrante é ter seus direitos negados; ser imigrante é ser “cidadão do mundo”; é ter suas identidades fragmentadas. Quem imigra deve estar ciente de que terá limites, que pode não ser aceito, e que sempre será lembrando que não pertence àquele lugar, mas sim ao seu de origem. Assim, o imigrante é definido pela viagem, pela partida da sua pátria para outra. No mais, as narrativas de migração buscam refletir acerca desse fenômeno cultural em movimento, e procuram retratar a realidade imigrante, como os problemas, os dilemas, as dificuldades.

Referências

- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Sherazade nos trópicos. In: RAVETTI, Graciela e ARBEX, Márcia. Performance, exílio, fronteiras:errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas/Pós-lit/ Faculdade de Letras UFMG, 2002. (p.179-203).
- ECO, Umberto. As migrações, a tolerância e o intolerável. In: _____. *Cinco escritos morais*. Trad. Eliana Aguiar, 7ª ed. RJ, Record, 2006, p. 103-124.
- HANCIAU, Nubia. *Entre lugar. Conceitos de literatura e Cultura*. Eurídice Figueiredo (Org.). Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 25-141.
- IANNI, Octavio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- PINHEIRO, Mauro et al. Zhora. *Patria estranha – histórias de peregrinação e sonhos*. São Paulo: Nova Alexandrina, 2002.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

Artigo submetido para avaliação em 18/09/2016; publicado em 18/10/2016.